



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

O PRETINHO LADRÃO

POR MARIA ALDA NEVES

DESENHO DE A. CASTANÊ

EU vou contar uma história, muito pequenina para os meninos pequeninos se rirem.

Era uma vez um senhor, que conheci em terras de Africa, que possuía uma mina de diamantes, e que, para ganhar a vida, trabalhava muito, dando assim exemplo aos pretos que o ajudavam.

Ora um dia, este senhor que se chamava Barnabé, deu pela falta dum lindo diamante, o mais belo de todos, e que ele guardava com muito cuidado, pois queria-o oferecer á sua boa mãezinha, que se encontrava longe, esperando pelo regresso de seu filho.

Pensou muito no que havia de fazer, para descobrir o larápio do seu lindo diamante, e, então, teve uma genial ideia, que o levou a mandar reunir todos os pretos, que o ajudavam no trabalho e falou-lhes assim:

«Meus amigos, roubaram-me o meu diamante

mais bonito, e a grande Serpente que tudo sabe, apareceu-me a noite passada e disse-me que o ladrão teria, neste momento, uma pena de papagaio na ponta do nariz.

O Pretinho ladrão, sem reparar no que fazia, levou imediatamente a mão ao nariz, para tirar a pena.

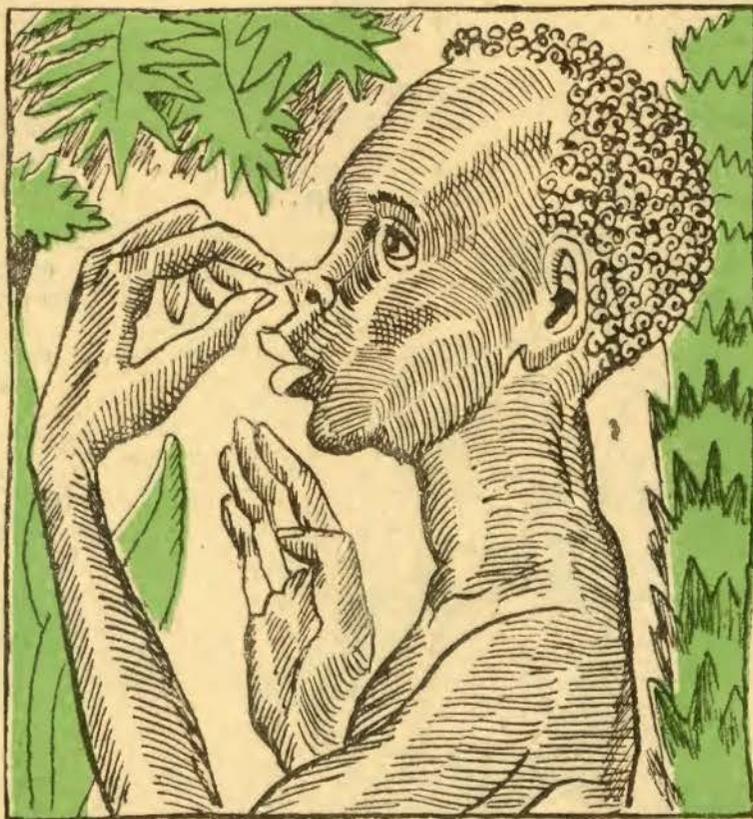
Então, o nosso amigo Barnabé, reparando no que o Pretinho havia feito, disse-lhe:

Foste tu, meu marôto, que mo roubaste. A Serpente acaba de mo revelar; dá-me cá o meu diamante.

O Pretinho ladrão, deveras arrependido, pediu muito perdão do seu feio acto, e entregou o diamante ao senhor Barnabé, prometendo nunca mais proceder mal.

«Meus meninos, o conceito moral desta pequena história,

diz que todo o bem ou mal que se pratica sempre se vem a saber, e por isso deveis ser sempre bons, para terdes a estima de todos.



F I M

A' HORA DA PAPINHA

DIALOGO

Por GRACIETTE BRANCO

Desenhos de ALFREDO MORAIS

(Amorosa
Mãezinha!...
Atento olhar,
curvado,
debruçado
para o filhinho amado,
que lembra uma avezinha
descuidosa
pousada em seu regaço,
e caída do Espaço
a esvoaçar...)

Apenas uma hora!

Mãezinha treme! Intimamente
chora!

— Bêbé não quer' papar!

MÃEZINHA (docemente...
mais doce que o açúcar
da papinha:)

— «Abre a boquinha...
Então?!...»

BÊBÊ (indiferente:)

— «Não.»

MÃEZINHA (que ora enlaça
o corpinho gentil, cheio de graça:)

— «Olha, meu Bem...
Além,
vês, naquele telhado,
um gatinho pousado?»

BÊBÊ (interessado:)

— «Vejo!»

MÃEZINHA (em longo beijo:)

— «Amor! Quanto daria
aquele bichaninho
para ter um pratinho
de papinha!...»

BÊBÊ (olhando a Mãe.
afagando-lhe a face
com a mãozinha:)

— «Ah! Mas porquê?!
Terá fominha?!»

MÃEZINHA (em linda voz,
mais doce que o regato:)

— «Aquele gato?!
Oh! Tem!

(persuasiva,
em voz cantante e viva:)

Olha para éle, Amor!
Olha a boquinha déle!...
E sem ter Mãe!...
Sem ter ninguém
que o vele...

BÊBÊ (comovidinho,
em voz de sonho e arminho,
mas tocada, em verdade,
de bela, de infantil curiosidade:)

— «Ah! Se éle tivesse Mãe,
dava-lhe ela, também,
uma papinha assim,
como tu dás a mim?!»

MÃEZINHA (em lindo olhar,
onde se vê brilhar
um pranto de prazer:)

— «O' meu Amor! Pois dava!
E éle papava...
assim...

(tomando,
— como exemplificando, —
na linda colherinha
um pouco de papinha:)

— Dava-lhe assim,
meu Bem!...

(Num sorriso de luz,
introduz,
brandamente,
uma gotinha,
pouca,
na formozinha
boca
do inocente!)

Linda gatinha — Mãe,
curvada para o filho...
Assim!... Assim... meu Bem...»





PO R ANTONIO DIAS

DESENHOS DE A. CASTANÉ

D

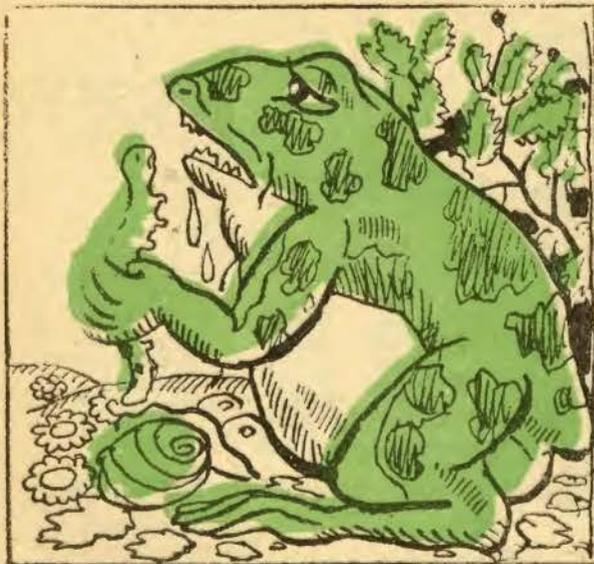
UMA casa solarenga da provincia havia, contíguo, um jardim com lindos canteiros de flôres e com ruazinhas ladeadas por sébes de odoríficos bûxos.

Ao centro tinha um terraço acastelado, com uma grutazinha, donde gotejava limpidíssima água, e, dispostos em círculo, alguns bancos de pedra, toscamente estofados de aveludado musgo.

Os antigos donos do solar tinham falecido, achando-se, hoje, ali, apenas alguns antigos criados, porquanto os novos proprietários faziam assistência habitual em Coimbra. Dentre os mais velhos habitantes sobressaía um que, na persistência do seu labor quotidiano, se alheava de quantos flagelos agora assolavam a vetustá moradia.

Era o *D. Sapo Castelaõ*.

Chamavam-lhe assim por viver no sítio acas-



telado da gruta, e em homenagem aos seus foros de antiguidade no solar.

Jámais alguém se atrevera a fazer-lhe mal. Velhos e novos jornaleiros o acariciavam e auxiliavam na transposição dalgum obstáculo incompatível com a sua corpolência obesa.

E, na verdade, bem merecedor era de todas essas atenções, pois, devido á sua diligente tarefa de caçar bicharada, as hortas medravam a olhos vistos.

Quantas quedas não apanhou éle, das couves e das alfâces abaixo !?

Quantas vezes não teve de voltar ao seu esconderijo, manquejando dalguma perna dorida, para, na manhã imediata, mal refeito ainda, continuar a sua faina benéfica?



Contudo, sempre paciente e alegre, lá ia vivendo confortado com a consciência do dever cumprido.

Ora sucedeu que, um dia, a sua paz de espírito se viu perturbada com a vizinhança de dois grilotos que, sem o menor respeito pela propriedade alheia, para ali se tinham vindo instalar.

Os dois garotelhos, sem outro modo de vida que não fôsse o de cantar, não deixavam pregar olho ao pobre *D. Sapo*; e, não satisfeitos com isso, entraram ainda a importuná-lo com momices e trejeitos alusivos à sua fealdade e ao balancear grotesco do seu corpanzil.

Ainda, por vezes, o pacífico castelão se lhes dirigiu, pedindo que houvessem um pouco mais de respeito pela integridade do seu sossego e da sua pessoa, sempre bem vista por todos. Estes seus rogos e petições, porém, mais incitavam os saltaricos para a prática das suas brincadeiras de mau gosto.

Mas não há brincadeira que sempre dure, e o bom do Sapo, sem mais advertências, jurou vingar-se, fazendo-lhes, também, a sua partidinha.

Continuou a dar caça às lagartas, aos caracóis e aos pulgões das couves, mas descurou, em absoluto, os poucos pés de alface que havia por entre aquelas.

Volvidos alguns dias, os grilos, muito alarmados com a perspectiva de morrerem á fome, aguardaram, pela boquinha da noite, o regresso do pachorrento vizinho, e, com grande humildade, começaram a implorar, numa voz lamurienta:

— Querido *D. Sapinho*: Morreremos á mingua se não nos acudires com o teu disvelado e importante auxílio! As alfaces parecem rendas de

Peniche! *D. Sapinho*, tem dó de nós!... Juramos até, pela alma da nossa mǎizinha, nunca mais te incomodar e de sermos, de hoje em diante, muito teus amiguinhos!

O bondoso castelão, muito sensibilizado com a choradeira dos dois *miudos*, quasi ia desmaiando e, intimamente, recriminava-se já por ter cometido tão feia acção.

Depois de ter limpo duas lágrimas, respondeu nos seguintes termos:

— Vós sois ainda muito crianças, para avaliardes as fadigas dum velho que trabalha sem descanso; por isso vos perdoo todas as maldades e prometo-vos olhar pelas vossas alfaces. Para lição, já vos chega... Agora ide-vos embora, e deixai-me em descanso, que bem d'ele necessito.

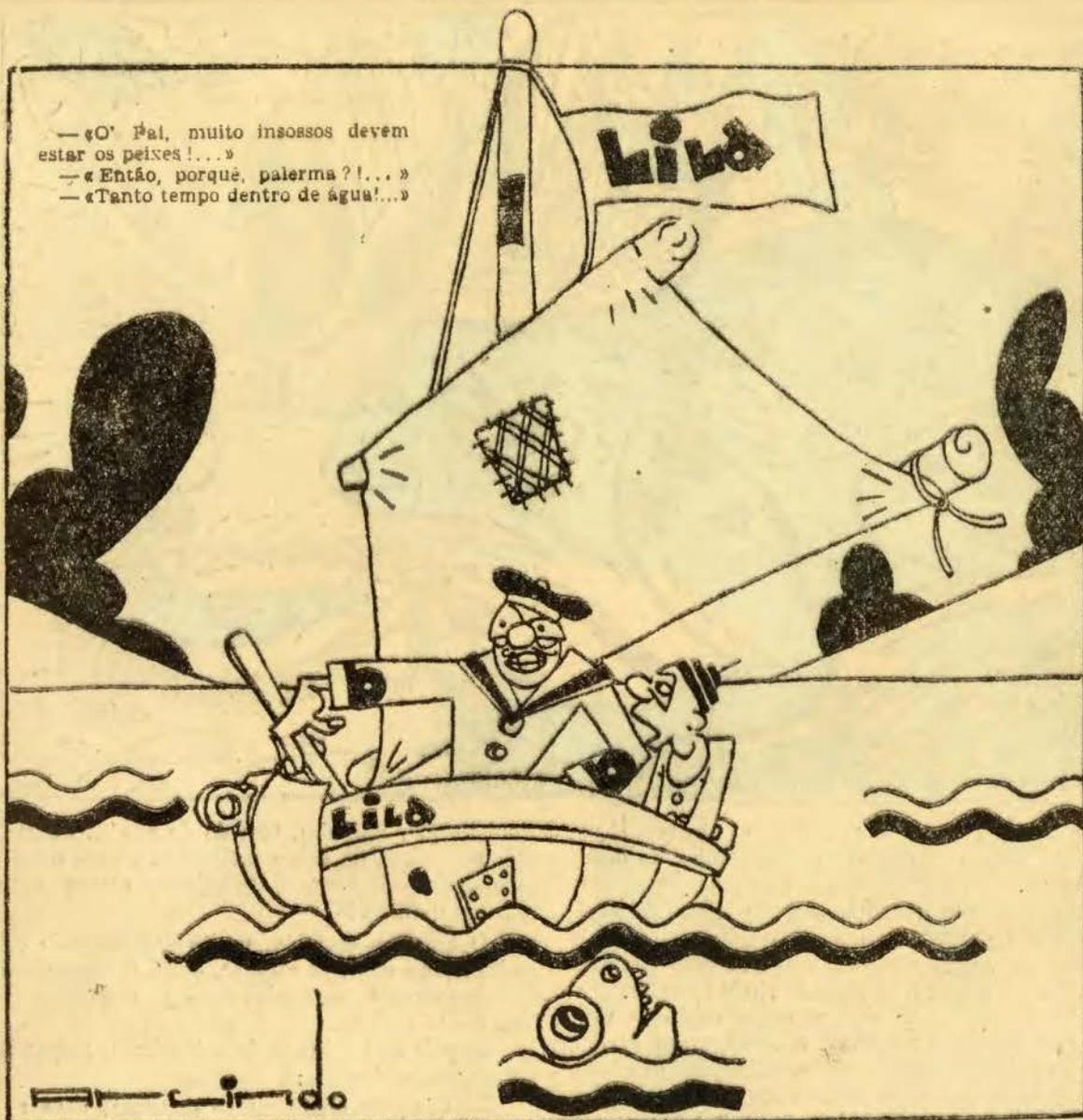
Os grilos, bastante reconhecidos, curvaram-se para lhe beijar a mão, o que elle lhes não consentiu, indo-se, em silêncio, meter no seu buraquinho.

D. Sapo Castelão passou a noite em vigília, a pensar no caso, e, logo pela manhã, mesmo por entre as folhas orvalhadas, começou a dar caça aos roedores das alfaces.

Chegou a ser cruel na sua voracidade! A' hora do almoço, estava tudo limpo, mas, em compensação, estava cheio demais o seu ventrudo estômago.

De regresso á grufazinha, para dormir a sesta, parecia que vinha mesmo borracho, mal podendo dar passada. E, se o terreno era um pouco acidentado, deixava-se cair, vindo de rebolão, tal qual como um tonel.

Conforme pôde, entrou no castelo, estendeu-se, de papo para o ar, sob o assento dum musgoço



— «O' Pal, muito insossos devem estar os peixes!...»

— «Então, porquê, palerma?!...»

— «Tanto tempo dentro de água!...»

— **Lila**

banco de pedra, e entrou de ressonar com forte ruído.

Aí pela meia tarde, começou, porém, a sentir-se mal, e já não voltou ao trabalho. Soltou uns gemidos aflitivos, enquanto se revolia no solo, varado com dôres.

Os dois grilinhos, que não tugiãem nem rugiãem, para não incomodar o vizinho, logo que sentiram gemer, saíram, em sobressalto, a indagar do acontecido. Ficaram estarelecidos quando viram em tão deplorável estado o pobre *D. Sapo!*

— Que tens, vizinho? Porque estás assim aflito? — perguntaram êles.

— Comi demais por vossa causa, meus amigos! Tanta lagarta dei-tei para o bucho que fiquei *alcarapuzado* de todo, como diria no Alentejo, se lá apanhasse tamanha fartadela!

— Perdôa-nos, sim?

— A culpa foi só minha... Quis limpar tudo duma vez... Enfim, isto há-de passar. Olhai, vêde

se me podeis chegar uma gota de água, que estou com muitas securas.

— Pois sim, nosso amigo, vamos já por ela.

E os dois grilinhos saltaram logo para a guarda do tanque, encheram de água uma folhinha de alface e, pegando-lhe cada qual por sua ponta, apresentaram-na ao doente, que a esvasiou dum gôlo.

Foi remédio santo. As tripas começaram a dar sinal de si e, dentro em pouco, *D. Sapo* sentia-se completamente aliviado.

A partir de então, nunca mais houve desacato entre os três vizinhos, passando cada vez mais a viverem na melhor harmonia.

E, mais tarde, quando o bom do *D. Sapo Castelhão* foi vencido pelas fadigas e pela velhice, foram ainda os dois grilinhos que, muito penalizados, lhe cerraram os olhos para sempre e o choraram com lamentosos *gri... gris...*

F I M

**COLABORAÇÃO
INFANTIL**



Desenho
do menino
Angelo
Sequeira
Sousa Neves
(13 anos)
Aluno dos
Pupilos
do Exército

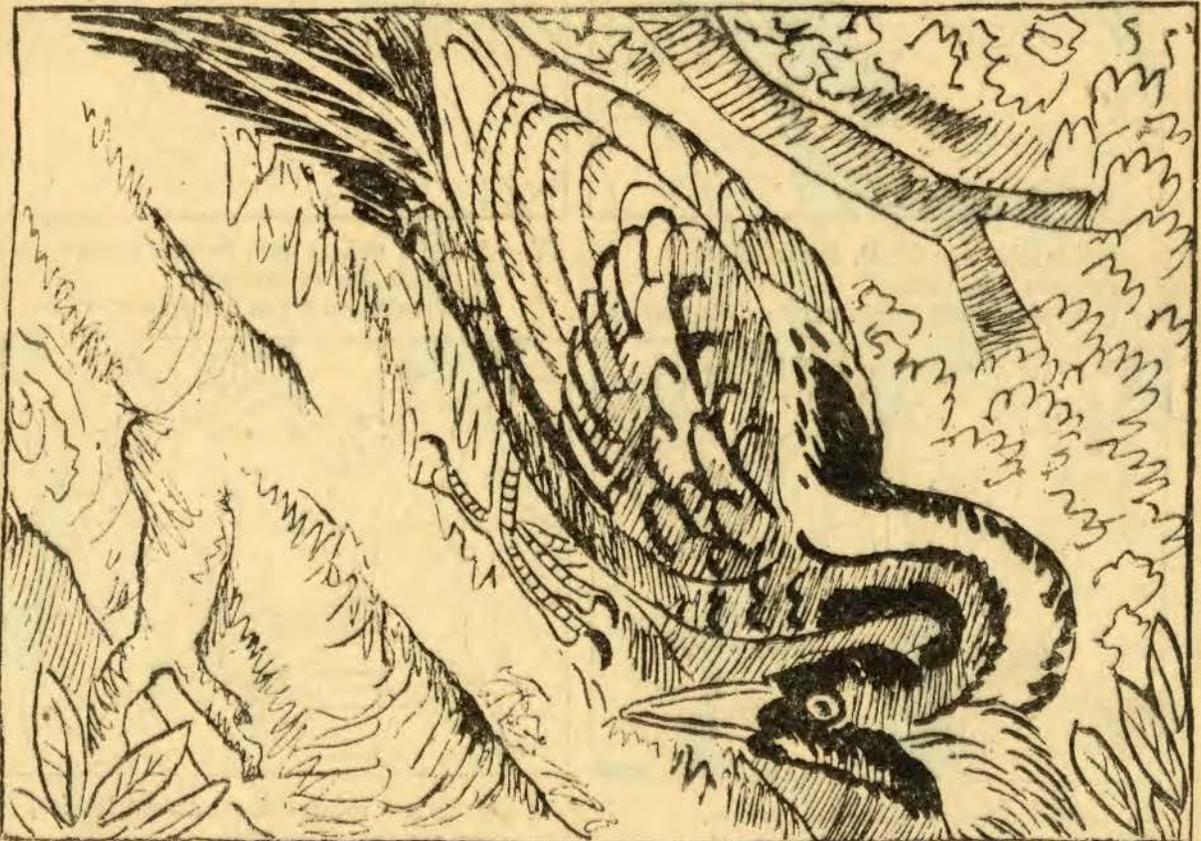
HORA DE RECREIO

ADIVINHA



Como se chama a dona desta casa? — (Solução da anterior) —
IVONE — (no colar) —

PARA OS MENINOS COLORIREM



CAMPEFILO IMPERIAL — (Picus principalis) —

UM ROUBO AUDACIOSO



I — Certo gatuno, muito audacioso, ataca, em plena viela, D. Bernarda Reis Costa Pedroso.



II — E, roubando-lhe o embrulho que trazia com a maior cautela, foge em vertiginosa correria.



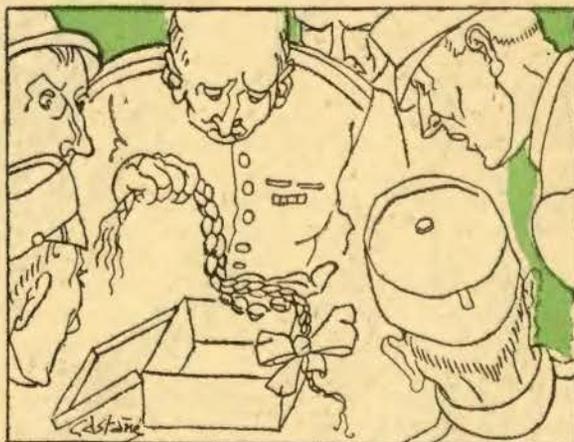
III — Ao berreiro que faz D. Bernarda, acorrem populares que o perseguem aos gritos de—ô da guarda!



IV — Surge a polícia que, furiosa, apita, e, dando aos calcanhares, movimenta-se a rua em grande «fita».



V — Acabando, por fim, todo o barulho, à esquadra é transportado o ratoneiro e apreendido o embrulho.



VI — E ante o volume, à mira dum tesoiro, ao ser desembulhado, surge uma trança de cabelo loiro!